ANC 88
Pasta 01 a 04
fev/87
079

Cenas e incidentes que a televisão não mostrou

Sarney ficou tenso, Aparecido enfrentou a vaia e um portão de vidro acabou explodido. Veja

O presidente José Sarney participou ontem da solenidade de posse da Assembléia Nacional Constituinte. Sarney, ao chegar ao Congresso Nacional, demonstrava tranqüilidade. Somente quando o deputado José Genoino (PT/SP) interrompeu o início da fala do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro José Carlos Moreira Alves, foi que Sarney deu sinais de sua tensão, que carregava há vários dias, diante da possibilidade de vaias dos populares que foram assistir à solenidade.

A participação do presidente Sarney foi apenas protocolar. Ele chegou às 15h50min, como estava previsto, e foi recebido pelo ministro Moreira Alves, pelo deputado Ulysses Guimarães, presidente da Câmara, e pelo senador Humberto Lucena, presidente do Senado — eleito ontem — e outras autoridades. Sarney chegou acompanhado de dona Marly e de dona Risoleta Neves, esposa do ex-presidente Tancredo Neves.

Pela agenda, Sarney chegaria sozinho. Mas, como ele convidou dona Risoleta para participar da solenidade, dona Marly foi obrigada a acompanhá-la. Risoleta seria convidada de Aécio Cunha Neves, eleito deputado. Assim que Sarney ficou sabendo, telefonou para Moreira Alves e para Ulysses e transformou Risoleta em convidada dos três poderes: Executivo, Judiciário e Legislativo.

Como estava previsto, Sarney chegou ao Congresso Nacional pelo mesmo caminho utilizado em março do ano passado, quando ele foi de surpresa à Convenção Nacional do PMDB. O carro passou pelo subsolo do Anexo, parando na contramão na entrada da chapelaria. Um forte esquema de segurança conduziu o presidente Sarney para a sala de espera do Senado e depois uma comissão de líderes dos partidos políticos o conduziram para o plenário.

O Presidente deixou o Congresso Nacional às 17h05, depois das despedidas formais. Ele trocou algumas palavras com o líder do PMDB, Pimenta da Veiga. Ao deixar o Congresso, Sarney parecia muito à vontade, já que não houve nenhuma manifestação. As vaias ficaram para o ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

O único incidente foi a destruição de um vidro da sala de café/chá dos senadores. Diante da pressão de alguns convidados, que queriam a todo custo pegar na mão de Sarney, o vidro da porta explodiu, atingindo várias pessoas, e os seguranças.

A manhã de Sarney foi tranqüila. Ele foi para o seu sítio São José do Pericumã, onde almoçou com seus familiares. Voltou para o Palácio da Alvorada e de lá foi para o Congresso Nacional.

MILA PETRILLO

Aparecido enfrentou o risco de ser vaiado na rampa

Aparecido topa o risco

Ao contrário da maioria dos ministros e do Presidente da República, o governador de Brasília, José Aparecido de Oliveira, se submeteu ao que ele considerou "um grande risco": entrou no Congresso pela porta principal, diante do público que pouco antes havia vaiado o presidente do Supremo, Moreira Alves.

"Como diria Guimarães Rosa, eu sou alguém que vive perigosamente", comentou o governador, ao relatar, o episódio. "Ao contrário da expectativa, não tomei uma vaia. Houve, é bem verdade, um ensaiozinho, mas os manifestantes me pareciam sem ânimo, até pela falta de apoio do povo. Eu temia que pudesse haver um barulho maior".

Aparecido destacou que tudo correu muito bem. Foi uma festa cívica perfeita. "Se tivéssemos ensaiado tudo, brincou, não teria saído tão bem. A população de Brasília comprovou sua consciência cívica e a cidade confirmou sua vocação de sede da democracia", acentuou.

Gratificado por ter sido o presidente Sarney — "alguém de minha geração" — quem convocou a Constituinte, Aparecido disse radiante: "Este é um dia de luz. O sol brilha e a Nação se reencontra com o Estado. A Constituinte — acrescentou — é um ato que redimensiona o destino de Brasília".

O governador passou a manhã na Granja do Riacho Fundo, almoçou com o ex-chefe do EMFA, José Maria Amaral. À tarde, após a instalação da Constituinte, ele se dirigiu ao Palácio do Buriti, para a solenidade de retirada da bandeira. Antes de embarcar para Belo Horizonte, onde participaria de jantar em homenagem ao jornalista Carlos Castelo Branco, Aparecido estava satisfeito com a festa e com a Constituinte: "Brasília retoma sua vocação de sede da democracia, que foi interrompida em seu quarto ano de vida pelo poder autoritário".

Delfim, um conselheiro

"Só me emociono quando vou ao dentista", afirmou o ex-ministro do Planejamento e deputado federal Delfim Netto (PDS), ao traduzir seu estado de espírito na sessão de estréia como parlamentar. Ele foi o único deputado vaiado na sessão de posse na Câmara, onde chegou meia hora antes do horário previsto — 9h —, após despistar os jornalistas que queriam entrevistá-lo no Hotel Nacional.

Delfim gastou seu tempo no plenário da Câmara em conversas com correligionários e deputados pefelistas, especialmente com Francisco Diógenes, do PFL do Acre. As conversas incluíram também o líder pedessista Amaral Neto e o peemedebista José Serra, sempre em voz baixa. Encerrada a sessão de posse, o ex-ministro foi ao seu gabinete na Câmara, acompanhado permanentemente por um secretário que faz as vezes de guarda-costas.

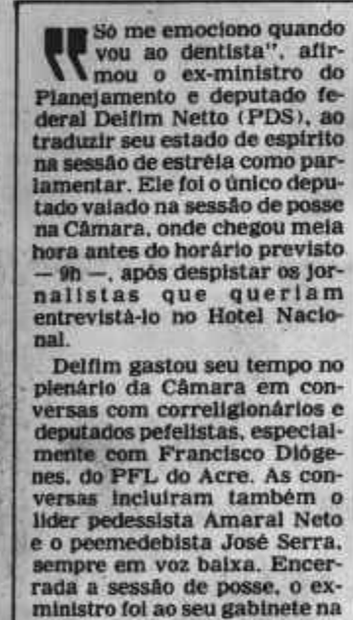
Delfim disse que procurará exercer o papel de conselheiro na Constituinte, dedicando-se a transmitir um pouco a sua experiência aos deputados recém-eleitos como ele.

O ex-ministro defende a adoção do regime parlamentarista, que considera "a única saída para o Brasil", e mandato de seis anos para o presidente José Sarney: "Precisamos obedecer a alguma coisa, já que começamos essa nova fase do Brasil com muitas desobediências".

Delfim almoçou no restaurante Florentino. Recebeu muitos cumprimentos de outros parlamentares e de correligionários que o reconheciam, retribuindo atenciosamente a todos.

O deputado aponta como saída para a crise econômica "mais trabalho" e o pagamento "do preço pelos erros cometidos", entre os quais mencionou o desajuste na balança comercial e a desarticulação da economia.

Delfim ocupará o quarto 825 do Hotel Nacional até se instalar no apartamento da Câmara.



Almira: preces pelo filho

Exceção em dia muito especial

Os salões de beleza dos hotéis, numa exceção só aberta a uma data especial como ontem, passaram o dia atendendo às damas da corte, com hora marcada, como foi o caso do Steffany's (Cariton Hotel) e do Femelle (Eron). "É uma responsabilidade muito grande... Rezo muito (sou religiosa) para que Deus o encaminhe e dê muita paz e tranqüilidade a todos, não só ao meu filho", ressaltou a mãe do deputado Antero Paes de Barros Neto (PMDB-MT), Almira Paes de Barros. Esta é a primeira legislatura de seu filho e, segundo ela, suas bandeiras de luta são a reforma agrária, a questão da dívida externa e a igualdade entre homens e mulheres, principalmente nos salários e divisões de cargos.

"Estatuto" não impediu vaias

Poeta consagrado — e conhecido especialmente por seu "Estatuto do Homem" —, Tiago de Mello teve ontem de amargar uma vaia que, a rigor, não se devia a ele. "É contra o sistema que nós estamos", garantia o estudante de música Manoel Arires, que capitaneava os apupos engrossados sempre que o poeta retomava o recital. "Eu não gosto disso. Tinham que ter posto era samba. Aí, o povo aplaudia e eles pensavam que era para eles", ecoava o economista Habi Assis Neto.

Mais adiante, entre bandeiras do PC do B, a arquiteta Vânia Moura Ribeiro, uma piauiense radicada em São Paulo, aplaudia os versos e julgava "grosseira" a manifestação de desprezo por Tiago. "Isto é uma doença chamada obreirismo, que dá muito no PT", assegurava, dizendo que seu pessoal se afastara "para não ser confundido".

Equipe mantém penetras longe

Exatamente às 7h35 chegam os dois primeiros deputados, Antônio Carlos Konder Reis (PDS-SC) e Victor Fontana (PFL-SC), conversando sobre o principal tema do momento — a Constituinte exclusiva. Estão sem crachás, o que torna a pergunta indispensável: "Deputado?" Konder responde com ironia: "Depende do compromisso que vou prestar hoje".

Pouco depois, chega o diretor de Segurança da Câmara, Fernando Paulucci, distribuindo ordens aos seus subordinados. Informa que 250 funcionários estarão trabalhando na segurança do Congresso. Ele explica aos seguranças: "Do bom trabalho da manhã depende a tranqüilidade de tudo. Vamos estar atentos. O objetivo é evitar que os penetras entrem, porque tirá-los é bem mais difícil".

Camelôs vendiam tudo, com ágio

Fotos 18 x 24 a Cz$ 120, cachorros-quentes a Cz$ 10, cervejas em lata a Cz$ 20, 25 e até 30, churrasquinhos a Cz$ 10, cocadas a Cz$ 5 — de tudo se comprava diante do Congresso ontem. Mas, se os novos parlamentares não precisavam andar muito para conhecer as verdades implacáveis do ágio, os comerciantes também não saíram satisfeitos. Em geral, o que se ouvia eram queixas.

O período da manhã, fraquíssimo, deu um susto em quem tentava faturar muito em cima da Constituinte. Às 7h, Maria Aparecida Esteves Gonçalves, ajeitava sua carrocinha de cachorros-quentes. Às 10h, vendera menos de 10 unidades e olhava desolada o movimento. Às 12h, sumira do mapa.

Crianças fazem o seu protesto

Ajudando a carregar uma faixa com os dizeres "Constituinte sem crianças, País sem futuro", Luciana Lindager e Juliana Maria Ferreira — de 12 e 11 anos — tinham ontem muitas queixas sobre os adultos, que não lhes dão importância e assim barram suas chances de participar de um processo histórico ao qual dão importância. "Sempre discutimos com nossos amigos", garantem. Os adultos, porém, acham que todas as suas idéias são "coisa de criança" e não lhes dão importância.

"Gente grande" é, também, o pessoal que capitaneia o Movimento Criança na Constituinte, para a qual Luciana e Juliana transportavam a faixa. "De nossos encontros, só participam adultos. As crianças, trazemos a manifestações como estas", definiu uma das líderes do movimento. Já Rita Nazareth Silva e Souza, 22 anos, envergando uma camiseta do Movimento da Criança e Adolescente (MAC), veio de Natal com idéias diferentes: "As crianças se organizam e nos custa ver isto. É preciso dar mais espaço a elas", disse a jovem, habituada a lidar com meninos e meninas que, na sua cidade, partem cedo para a labuta.

Faixa ironiza até os salários

"Salário mínimo para os constituintes? Estamos roubados!", exclamou o deputado Alberico Cordeiro, ao ler a faixa "salário mínimo para os constituintes", levada por manifestantes ao Congresso. O deputado foi um dos poucos parlamentares que se aventurou a assistir ao show em comemoração à abertura da Constituinte. Ao espetáculo só faltou o povo, isolado do palco e do Congresso por uma cerca de madeira, que lembrava um curral, e pela polícia.

No palco, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, vestida de negro, lembrava uma convenção de darks, sob um sol abrasador.

Ninguém cantou Hino Nacional

No plenário, nenhum dos parlamentares, ministros de Estado ou o presidente Sarney cantou o Hino Nacional, executado pela Banda dos Fuzileiros Navais. Nas galerias, apenas duas moças, convidadas de dona Sarah Kubitschek e um repórter de uma rádio paulista entoaram o hino.

GIVALDO BARBOSA

Durante a cerimônia, as mulheres sentaram-se juntas. Elas prometem manter essa união

Só a TV Manchete *quebra o formalismo*

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Do ApArte

Se não fosse o comentarista da TV Manchete, Villas-Boas Corrêa, a transmissão televisiva da solenidade de instalação da Assembléia Nacional Constituinte teria transcorrido em clima de comedimento excessivo. Afinal, das seis emissoras brasileiras de TV três entraram no ar, às 15h30 de ontem, para dar ao telespectador um retrato do que se passava dentro e fora do Congresso Nacional, mas, limitadas pelas mesmas imagens, geradas pela Radiobrás, acabaram sem apresentar grandes novidades.

Foi, portanto, Villas-Boas Corrêa, ao término da cerimônia, que quebrou a monotonia. Em tom veemente, ele espinafrou o presidente da solenidade, o ministro Moreira Alves, do Supremo Tribunal Federal. Conversando com Alexandre Garcia, mestre-de-cerimônia da Manchete, Villas-Boas não poupou mordacidade: "O ministro Moreira Alves se excedeu ao pronunciar um discurso de 35 minutos. Ficou fascinado pelo espaço disponível na TV, em rede nacional, e fez pronunciamento longo e despropositado. Sentindo-se o único astro da festa, ele transformou a instalação da Constituinte num espetáculo pessoal, pronunciando discurso excessivamente demorado e acadêmico, causando desconforto evidente nas reações do deputado Ulysses Guimarães, que chegou a bocejar. Indicado, por cortesia, para presidir esta cerimônia, ele se arvorou em professor de Constituinte e cometeu verdadeiro equívoco, que se soma a outros tantos que cercam esta quinta Assembléia Nacional Constituinte".

Enquanto Villas-Boas Corrêa dava originalidade à cobertura da TV Manchete, os repórteres Álvaro Rodrigues Pereira e Carlos Monforte, da TV Globo, com a competência costumeira, descreviam os acontecimentos e anunciavam dados e estatísticas sobre a Assembléia Nacional Constituinte. Nenhuma opinião; nenhum comentário crítico. Sob o primado da informação, eles lembraram que dos 559 parlamentares constituintes, 305 eram peemedebistas, que dos 42 senadores, 23 foram eleitos em 1982; que mais de 100 constituintes estavam de pé por falta de cadeiras no plenário da Câmara, que 23 constituintes tinham até 30 anos, 102 de 31 a 40 anos, 239 de 41 a 50, 136 de 51 a 60 e, por fim, 59, mais de 60 anos; que Sergipe foi o único estado a renovar, totalmente, sua bancada de oito membros etc, etc.

A TV Nacional, da Radiobrás, pertencente ao governo, foi a única a cobrir a solenidade do primeiro ao último momento, e com a responsabilidade de quem gerava as imagens do pool de emissoras (aliás, desfalcado pela TV Bandeirantes, que preferiu continuar com seu "Show de Esportes", transmitindo um jogo entre equipes de beisebol norte-americano; pela TV Silvio Santos, que se manteve no ar com o programa de seu proprietário e pela TV Capital, simplesmente fora do ar). Estas emissoras só se interessaram pela cerimônia da instalação da Constituinte em sua segunda parte, ou seja, na que atendeu ao público externo, com o concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional.

DESINTERESSE

Aliás, a programação festiva organizada pelo Ministério da Cultura não despertou nenhum interesse nas duas mais ativas redes de TV do País. A Globo, mal Moreira Alves terminou seu longo discurso, saiu do pool e mandou ver com o enlatado "Faro Fino". A Manchete, sempre sensível quando se trata de grandes acontecimentos nacionais, ainda teve paciência por algum tempo. Até que a Sinfônica iniciasse seu programa com "Alvorada" (uma ária da ópera "Os Escravos", de Carlos Gomes) Villas-Boas e Alexandre Garcia seguravam conversa, falaram da "falta de liderança do PMDB, que não conseguiu impedir que parte significativa da bancada propusesse, a extinção dos trabalhos da Câmra; do lobby feminino e da dissidência da fluminense Sandra Cavalcanti e de dois breves momentos de tensão na cerimônia, criados por José Genoíno (PT-SP) e Aldo Arantes (PMDB-GO). O primeiro tentou questão-de-ordem relativa para que os partidos se pronunciassem, e o segundo protestou quando Moreira Alves chamou o movimento militar de 1964 de revolução, rebatendo que fora um "golpe". Lamentaram o longo intervalo entre a cerimônia solene e a festa e saíram do ar, sem mostrar constrangimento, no meio do segundo número da Sinfônica: "O Uirapuru", de Villa-Lobos.

Nestas alturas, das emissoras pioneiras na transmissão, só a Nacional se mantinha no ar. Agora, pelo menos, reforçada pelas retardatárias Bandeirantes e Capital.

Para quem estava em casa, o jeito era conferir o gosto duvidoso e retórico dos "Estatutos do Homem", um poema de Thiago de Mello que ganhou acompanhamento sinfônico ousado de Cláudio Santoro, mas soa, cada vez mais defasado e temporão. Talvez parecesse excessivamente condoreiro até no século passado, quando Castro Alves e os românticos potificavam com seus versos prosaicos. Em pleno final do século XX, com o enxugamento da poesia levado ao paroxismo pelos concretistas, Thiago parece um caboclo amazonense perdido num mundo cibernético.

O concerto começou sob vaias, uma vez que ruídos estranhos e slogans chegavam, confusos, aos telespectadores. Tanto que em sua terceira parte, o próprio Thiago pediu que o público fizesse silêncio. Quem, como este repórter, viu tudo pela TV, desde o primeiro flash matinal, dado pela TV Globo, durante o "Globo Rural", sentiu uma grande ausência na cobertura televisiva: a dos populares. Fora algumas imagens coloridas pelo vermelho das bandeiras do PCB, PC do B, CUT e CGT, pouco — ou nada — se soube da enorme multidão postada nos gramados do Congresso. Que grupos estavam lá desde a manhã? Quem esperanças tinham com a Nova Constituinte? Quem os mobilizou? O que acharam da programação artística organizada pelo Minc? Por que gritavam e o que gritavam?

Nós, telespectadores, tivemos de nos contentar com o ambiente e as cores do interior do Congresso e com o longo discurso do ministro Moreira Alves. Afinal, mais não nos foi oferecido, a não ser através de "falhas técnicas", como os pequenos barulhos provocados por Genoíno, Aldo Arantes e a multidão das bandeiras vermelhas.

Bloco das mulheres é mais unido

Bastante discretas, as 26 constituintes que formam na Câmara um bloco mais numeroso do que a bancada de Pernambuco e igual à metade da bancada de Minas Gerais, procuraram sentar-se juntas no plenário durante a cerimônia de posse e de juramento. Informalmente, elas já se organizaram para discutir a atuação desse bloco na Constituinte e realizarão, na próxima quarta-feira, a primeira reunião depois de empossadas.

"O papel da mulher na Constituinte deve ser o de examinar a situação dos mais desiguais: mulheres, negros e índios", preconiza a deputada Cristina Tavares, reeleita para mais um mandato pelo PMDB pernambucano. Mas o destaque entre as mulheres foi Beth Mendes, suplente da mesa da Câmara, convidada pelo presidente Ulysses Guimarães para fazer a chamada dos deputados.

O público nas galerias se manifestou uma única vez para aplaudir timidamente a filha do construtor de Brasília, Márcia Kubitschek, quando seu nome foi chamado.

Toda de branco, Benedita da Silva, a estrela negra do PT, começou a brilhar já no primeiro dia. Com desenvoltura, a deputada, que é a primeira mulher negra brasileira a chegar à Câmara, aceita discutir qualquer questão, mas prefere os temas ligados à discriminação, que espera ver banida de vez na Constituição que ajudará a escrever.

Para que a sociedade seja realmente pluralista, a representante do PT defende também uma política educacional e cultural, principalmente no ensino básico, que recupere a identidade do negro e do índio.

Ao final da diplomação, as mulheres sederam as mãos e levantaram os braços num gesto de união e vitória diante dos fotógrafos que têm, desde agora, um elemento novo para registrar na Câmara: a beleza das constituintes. Como Rita Camata, uma bonita loura que mais parece uma atriz global.

Nem todas, porém, têm idéias comuns em relação à mulher. Mariuce Moreira Pinto, ex-primeira dama de Roraima, eleita deputada pelo PTB, acha, por exemplo, que a atuação das mulheres deve ser muito discreta, "se quiserem contar com a simpatia e o apoio dos colegas homens".

Se depender da deputada Irma Pasoni (PT-SP), a atuação da mulher na Constituinte será muito mais radical do que o idealiza a conservadora Mariuce Pinto. "Temos que brigar a *ferro e fogo para valer a conquista da soberania nacional*", afirmou.

Parlamentares, porém vaidosas, as mulheres Constituintes mudaram a "toilette" para a sessão vespertina.

TV transmitiu, muitos não viram

Uma enquete feita pelo CORREIO BRAZILIENSE mostrou que 40 por cento dos telespectadores brasilienses não viram a transmissão televisiva da abertura da Assembléia Nacional Constituinte. De um total de 40 entrevistados, 57,5 por cento assistiram à transmissão com interesse e 2,5 por cento desligaram o aparelho.

A credibilidade na Constituinte ficou dividida igualmente: 50 por cento acreditam que possam ocorrer mudanças substanciais e 50 por cento não crêem em mudanças. No entanto, a maior parte dos moradores descrentes com a Constituinte está no Plano Piloto, 10 por cento. Os moradores do Lago Norte e Sul, juntos, formam o grupo que dá maior credibilidade aos trabalhos, com 17,5 por cento.

Pela amostragem do CORREIO BRAZILIENSE, a área de saúde deve ter prioridade, tendo sido apontada por 15 por cento dos entrevistados, o mesmo ocorrendo com o déficit público e os salários. Em quarto lugar os entrevistados apontaram o menor abandonado, 14%, em quinto a educação, 12%, em sexto a reforma agrária, com 11 por cento e, por último, a moratória, com 10 por cento.

OS DADOS DA PESQUISA DO *CORREIO*

	SIM	NÃO
Assistiu pela TV à instalação da Constituinte	57,5%	40,0%
Desligou a TV antes do término da solenidade	2,5%	—
Acredita em mudanças com a Constituinte	50,0%	50,0%

Prioridades — A Constituinte deve dar prioridade a:	
Saúde	15%
Déficit público	15%
Salário	15%
Educação	12%
Menor abandonado	14%
Reforma agrária	11%
Moratória	10%
Não sabe	8%

Luz faltou, imagem não chegou

Os moradores do setor P Sul da Ceilândia não puderam assistir, pela televisão, à abertura da Assembléia Nacional Constituinte, por falta de energia elétrica. Alguns moradores, ansiosos por assistir à solenidade, ligaram até para os palácios do Planalto e da Alvorada, em busca de ajuda. O trabalho foi em vão. Até às 20 h de ontem, o setor P Sul ficou sem luz e os moradores desinformados sobre a abertura da Constituinte.

Segundo uma funcionária da Fundação Hospitalar do DF, Luzia Maria dos Santos, que chegou a ligar cinco vezes para a CEB, a energia foi desligada às 4h30 da manhã, para manutenção, e deveria ter sido religada no máximo às 16h. Ela acrescentou que os plantonistas da CEB foram muito sarcásticos ao dizerem "que eu assistisse da próxima vez. Foi uma falta de respeito. Se o dia era importante para o Brasil, também era para a Ceilândia", comentou Luzia.